



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

LIDIA CRISTINE RIBEIRO

**MEMORIAL ACADÊMICO
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO**

UBERLÂNDIA / MG

2021

LIDIA CRISTINE RIBEIRO

**MEMORIAL ACADÊMICO
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia a Distância da FACED/UFU como exigência parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dra. Maria Irene Miranda

UBERLÂNDIA / MG

2021

Dedico este trabalho a Deus, aos meu filhos Davi e Théo, e ao meu companheiro Rodrigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por permitir que eu chegasse até aqui e concluir mais uma etapa da minha vida, me dando forças e sabedoria pra enfrentar cada dificuldade.

Agradeço aos meus familiares por estarem ao meu lado o tempo todo, não me deixando desistir, me dando apoio e incentivo, e em especial ao meu companheiro Rodrigo que sempre acreditou em mim.

Agradeço a minha orientadora Dra. Maria Irene Miranda pelas contribuições de grande relevância para a elaboração desse TCC.

Agradeço também a tutora Rita pela paciência e ajuda durante o curso.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é compreender as dificuldades de aprendizagem na alfabetização. Para tanto é abordado o conceito de alfabetização, as causas das dificuldades de aprendizagem nesse processo e qual o papel do professor alfabetizador. O trabalho foi organizado em duas partes, na primeira parte foi feito um memorial identificando a trajetória acadêmica, profissional, abordando o interesse pela alfabetização. A segunda parte apresenta o referencial teórico para respaldar a abordagem da temática. Foi feita uma pesquisa bibliográfica que tornou possível compreender que alfabetizar não se trata somente de aprender a ler e escrever. Também foi abordado sobre a dificuldade de aprendizagem e através dos estudos feitos foi possível entender quais os fatores que podem vir a contribuir para o surgimento e para o desenvolvimento das dificuldades. Por fim foi abordado sobre a importância do professor alfabetizador nesse processo e quais atitudes ele deve ter ao se deparar com as dificuldades de seus alunos. Ao final foi possível chegar à conclusão que mesmo com dificuldades a criança é capaz de aprender e que cada um tem o seu tempo certo, e o educador deve entender e compreender o tempo do aluno, mediando o processo.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Alfabetização.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR E O INTERESSE PELA ALFABETIZAÇÃO	8
3	DIALOGANDO COM O REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1	O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	15
3.2	AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	17
3.3	A ATUAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR.....	19
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

O presente texto trata-se de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e tem como finalidade sistematizar parte do conhecimento construído durante o período de graduação.

Esse trabalho é de grande importância para a formação acadêmica, pois proporciona o aprofundamento de leituras em relação ao tema escolhido para estudo, permitindo, também, um aprofundamento em relação à pesquisa.

O trabalho de conclusão de curso (TCC) é um diferencial de qualidade para a formação acadêmica do aluno, fazendo com que ele demonstre sua capacidade de fazer pesquisas e analisa-las, de acordo com o tema escolhido, trazendo respostas aos problemas por ele formulados. Esse trabalho é importante para a formação e iniciação na pesquisa científica, pois favorece o aprendizado do aluno e possibilita a conclusão do curso.

Para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) será feito um Memorial, que é um “texto de caráter científico, onde o autor descreve a sua trajetória estudantil e profissional de forma crítica e reflexiva” (CARRILHO, M.F. et al, 1997, p.04).

Em um memorial de formação, o autor narra e reflete sobre sua história, trajetória acadêmica, vivências, desafios e avanços na busca por pela qualificação. Ele irá registrar as experiências vividas em sua vida que o levou até a formação.

As lembranças são de grande importância na construção de um memorial, e é preciso trazer a memória fatos importantes e relevantes para auxiliar na sua construção. A mitologia apresenta uma concepção poética da origem e significado do termo memória:

A origem da palavra remete à mitologia greco-romana, mais precisamente à deusa Mnemósine, personificação da memória ou lembrança, filha do Céu e da Terra, irmã de Cronos – o deus que preside o tempo – e mãe das Musas, que com ela regiam as artes e todas as formas de expressão, especialmente a poesia (BRANDÃO, 2008, p. 8).

O presente memorial acadêmico tem como temática as Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização e está estruturado em duas seções. Na primeira seção

será descrita de forma reflexiva e crítica minha trajetória acadêmica e profissional, revelando o percurso que me despertou o interesse na área da alfabetização. A segunda seção será de fundamentação teórica, onde será discutida a temática em estudo com base na bibliográfica. Por fim, as considerações finais explicitaram a compreensão acerca do estudo realizado.

A realização desse trabalho significou um grande passo na minha formação acadêmica, me levando a refletir e compreender a relevância de lembrar o caminho acadêmico, pelas memórias da minha caminhada como aluna de graduação.

2 MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR E O INTERESSE PELA ALFABETIZAÇÃO

Nesta parte do trabalho apresentarei minha trajetória acadêmica e o surgimento do interesse na área de alfabetização. Para tanto começo me apresentando.

Meu nome é Lidia Cristine Ribeiro, tenho 26 anos, nasci na cidade de Araxá, mas me considero Tapirense, pois, logo após meu nascimento, meus pais foram morar no município de Tapira, em uma pequena fazenda. Tive uma infância muito saudável, morei até os meus 8 anos na zona rural, e tive o privilégio de ter uma infância livre, subia nas árvores, comia frutas direto do pé, tomava banho de chuva, pescava, andava a cavalo.

Tenho uma irmã mais nova, nossa diferença de idade é somente de 11 meses e sempre fomos muito unidas e brincávamos bastante juntas. Tive a honra de ter pais incríveis que sempre foram muito presentes na minha vida e me incentivaram nos estudos e nas brincadeiras. De acordo com Cruz e Fontana (1997, p.118):

Brincar e desenhar são atividades fundamentais da criança. Ela brinca e desenha na rua, em casa, na escola. Pela brincadeira e pelo desenho, ela fala, pensa, elabora sentidos para o mundo, para as coisas, para as relações. Pela brincadeira, objetos e movimentos são transformados. As relações sociais em que a criança está emersa são elaboradas, revividas compreendidas. (CRUZ e FONTANA, 1997, P.11)

Na minha infância nos mudamos inúmeras vezes, fazendo com que assim eu frequentasse várias escolas diferentes durante minha alfabetização. Confesso que

tenho poucas lembranças agradáveis sobre esse período e poucos professores me marcaram de forma positiva. A primeira escola que frequentei foi o CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) – “Comequinho de Vida”, no município de Tapira. Como meus pais moravam na zona rural e não havia transporte escolar eu precisei ir morar na casa dos meus avôs, na zona urbana, para cursar a educação infantil, mas como não consegui me adaptar longe deles, fiquei por pouco tempo. Estudei também na Escola Municipal Vicente Pereira Fernandes, na zona rural do município de Tapira. Depois nos mudamos para a zona rural no município de Sacramento, na região das Oliveiras, onde conclui a educação infantil, na Escola Municipal Dona Maria Santana.

Em 2002 nos mudamos para distrito de São José da Antinha, no município de Perdizes, onde cursei a 1ª série do ensino fundamental na escola Estadual “Josefa Margarida Trindade”. Lembro que nessa época aprendi a ler e ganhei então uma coleção de livros de literatura infantil da minha tia Selma que era professora. Na casa dela havia um cômodo onde tinham vários armários lotados de livros de todos os tipos, e eu amava ficar lá folheando um por um. Em agosto deste mesmo ano fomos morar em Tapira e pela primeira vez morei na zona urbana. Passei novamente pela difícil mudança de escola.

A partir do ano seguinte, já na 3ª série me recordo bastante da minha professora, a senhora Eda. Nesse ano participamos de um concurso de redação, e ganhei como a melhor redação da minha sala. Desde então meu gosto pela leitura aumentou. Mas com certeza a professora que mais me marcou positivamente durante meu período escolar foi a senhora Creuza, minha professora da 4ª série. Todos os dias no começo de suas aulas ela lia um capítulo do livro Poliana, lembro como se fosse hoje ela contando a história e todos os alunos atentos ouvindo aquela encantadora história.

Nessa época, eu gostava de inventar histórias e escrevê-las, sonhava em ser uma escritora de livros infantis. Amava os dias em que íamos à biblioteca pegar livros. E um dos que me marcou muito foi “a professora Maluquinha”, fiquei encantada com os métodos usados por ela, e ao mesmo tempo me decepcionava com a realidade que eu via em minha escola. Métodos rigorosos de disciplina e nada lúdicos. Desde que li esse livro, “escolinha” se tornou minha brincadeira preferida e sonhava em ser professora. A biblioteca sempre foi meu lugar favorito da escola. Os livros despertavam minha

imaginação. Amava imaginar a fisionomia dos personagens, as expressões faciais, o tom de voz, cada detalhe dos livros não me passava despercebido.

Durante todo o ensino fundamental e também no ensino médio eu nunca fui a melhor aluna da sala, alias sempre achei as aulas cansativas e frustrantes. Assuntos que poderiam ser abordados de formas interessantes se tornavam chatos pelos métodos de ensino usados pelos professores. Sempre tive dificuldades em matérias de exatas, e alias não fui incentivada a aprender, achava as matérias muito complicadas, mesmo me esforçando, tinha dificuldade em assimilar os conteúdos. Os professores não usavam uma didática que pudesse ensinar de uma forma descomplicada e rotulavam os alunos que tinham dificuldades, de preguiçosos e acomodados. Aqueles que tinham mais facilidade sempre tinham mais atenção dos professores.

Apesar de não ter tido professores que me fizessem despertar o lado bom de aprender, sempre tive facilidade em português e outras matérias de humanas por gostar de ler, o que me ajudava nessas matérias. Segundo Gauthier et. al. (1998):

É provável que expectativas irrealistas alimentadas pelos professores possam, eventualmente, vir a produzir efeitos negativos no desempenho dos alunos, sejam eles do primeiro ou do segundo grau, rapazes ou moças, da classe operária ou da classe média (GAUTHIER, 1998, p. 251).

Concluí o terceiro ano do ensino médio com um sentimento de que pouco eu havia aprendido em matemática, física e química, mas obtive a nota suficiente para aprovação e isso era o que importava para a escola.

Em 2011 foi o ano que minha vida se transformou totalmente: descobri que estava grávida. Foi um momento de susto e alegria, porque sempre sonhei em ser mãe, mas não planejava ser assim tão cedo. Terminei o ensino médio em dezembro desse ano, e um mês depois meu filho nasceu. Então a graduação teve que ficar para depois, e, aliás, eu não tinha a mínima ideia de qual profissão queria seguir.

Entreguei-me de corpo e alma para a maternidade e tive a oportunidade de me dedicar um ano exclusivamente ao meu filho, até que abriu o concurso público na minha cidade. Resolvi dar uma olhada nas vagas e uma me chamou atenção por ter a carga horária de 6 horas e exigir somente o ensino fundamental completo. Então resolvi

me inscrever para a vaga de monitora de creche, desde então comecei a resgatar meu sonho de criança em ser professora.

Para a minha felicidade passei no concurso, e em fevereiro de 2013 comecei a trabalhar no CEMEI Comecinho de Vida, mesma escola em que comecei a minha vida escolar aos 4 anos de idade. No começo me assustei com essa nova realidade e sem nenhum preparo não sabia lidar com muitas situações do cotidiano escolar, não tive apoio e orientação nenhuma. Confesso que até desisti por um tempo de seguir a profissão de professora. As cobranças eram muitas, e o ambiente escolar era tenso, a maioria dos profissionais da escola se sentiam cansados e desmotivados. E para completar a estrutura da escola era péssima. Comecei trabalhando com a turma do berçário I e a sala era um cubículo que mal cabia os alunos. A janelada da sala era quebrada e não era possível abri-la para ventilar. Era uma tortura quando chegava a hora de ir trabalhar, mas por questões financeiras eu não podia me dar ao luxo de abrir mão do concurso.

Trabalhei por dois anos nessa escola, e em 2015 foi construído um prédio novo para a creche municipal de Tapira aonde atendia alunos de 0 a 3 anos, que funcionava até então no mesmo espaço da educação infantil de 4 a 6 anos. Fomos para essa nova escola, foi muito animador ir para um prédio novo, com toda a mobília e materiais novos. O ambiente escolar era outro, os funcionários trabalhavam mais felizes e motivados. Nessa nova escola tivemos a oportunidade de trabalhar com uma equipe de gestores que nos passava segurança e nos motivava a crescer.

Meu encantamento pela educação foi sendo resgatado pouco a pouco, e senti a vontade novamente de me tornar professora. Queria poder fazer a diferença na vida daquelas crianças, muitas das quais ficavam o dia todo na escola. Ficava desapontada quando um professor deixava a desejar, e era perceptível que muitos deles estavam lá somente pelo salário no fim do mês. Eu não achava justo com aquelas crianças, elas mereciam o melhor, mereciam dedicação. E era esse tipo de professora que eu queria me tornar, uma professora que amava e se dedicava a sua profissão, queria poder proporcionar aos meus alunos o melhor ensino possível.

Comecei a estudar e me interessar por artigos relacionados a ensino e educação. Meu filho se tornou meu aluno, queria trabalhar com ele tudo o que tinha

aprendido. Então fiz um cantinho de estudos em casa e o ensinei muitas coisas, dentre elas a ler. Estudei bastante sobre métodos de alfabetização e me interessei muito pelo método fônico. Ensinava-lhe o som das letras e assim rapidamente ele aprendeu a ler e foi um dos poucos alunos da sua escola que começou o 1º ano do ensino fundamental sabendo ler. Desde essa minha experiência com meu filho me apaixonei por esse mundo da alfabetização.

Mostrando meu bom desempenho e motivação, recebi elogios da diretora da escola em que trabalhava, e só não ganhei a vaga de professora regente porque não estava estudando, então resolvi me matricular no curso de pedagogia, e quando fiquei sabendo do vestibular da UFU (Universidade Federal de Uberlândia), não perdi a oportunidade e fiz minha inscrição, mesmo sabendo que seria muito disputado resolvi tentar e para minha surpresa passei em 4º lugar.

O curso de pedagogia na modalidade à distância foi um grande desafio e me exigiu muita disciplina e persistência. Tive que ter autonomia e organizar meus horários de estudo. Confesso que pensei muitas vezes em desistir, mas com o apoio da minha tutora Rita, fui superando as dificuldades.

No nosso primeiro encontro presencial minha tutora perguntou por que escolhemos o curso de pedagogia. Eu respondi que escolhi o curso por já estar trabalhando na área da educação e gostar muito de criança. Mas durante o curso descobri que é preciso bem mais que gostar de criança para se tornar uma boa pedagoga. É preciso ter amor em ensinar, e mente aberta para aprender.

Aprendi muito com as matérias de metodologias e didática, mesmo já atuando na área da educação, descobri uma maneira nova de ensinar, comecei a abrir meus olhos para a importância de possibilitar a construção da autonomia pelos alunos, e que o professor deve oferecer espaço para a criatividade do educando. Em meu cotidiano comecei a observar que os professores tinham o costume de trazer as respostas prontas.

Uma marca importante em meu processo formativo foram as aulas de Princípios e Métodos de Alfabetização (PMA), tive a certeza do meu amor por essa área e sei que é esse caminho que quero seguir como professora. Quero alfabetizar de forma que encante os alunos e saber lidar e entender as individualidades e características de

aprendizagem de cada um. Pretendo ensinar de forma lúdica, prazerosa e atuar conforme o que aprendi nesses anos de estudos. Assim que terminar minha graduação pretendo fazer uma pós em alfabetização e letramento e seguir esse caminho durante minha jornada na educação, por isso me interessei pela temática da alfabetização.

Espero ser uma boa professora, daquelas que eu sonhava em ser quando era criança. Quero ser uma professora da qual eu adoraria ter sido aluna durante minha trajetória escolar. Segundo Farias (2009, p.77):

A formação configura-se como uma atividade humana inteligente, de caráter processual e dinâmico, que reclama ações complexas e não lineares. Nesse sentido trata-se de um processo no qual o professor deve ser envolvido de modo ativo, precisando continuamente desenvolver atitudes de questionamento, reflexão, experimentação e interação que fomentem a mudança. (FARIAS, 2009, p.77).

Isto posto, a escolha desse tema se deu através das experiências vivenciadas por mim e relatadas nesse memorial. Tenho como objetivo buscar compreender o que ocasiona as dificuldades de aprendizagem em relação alfabetização e o que fazer diante de tais dificuldades, especificamente, pretendo: identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos na alfabetização; analisar a origem das dificuldades de aprendizagem e as possibilidades de intervenção; considerando o professor um mediador entre o saber e o aluno; e verificando se a mediação do professor é importante para mudar o quadro da dificuldade do aluno em seu aprendizado.

As dificuldades de aprendizagem podem se intensificar devido à falta de informação da escola. As crianças com dificuldades são muitas vezes rotuladas pela própria família, colegas e professores, trazendo sofrimento e traumas futuros.

Acredito que as crianças com dificuldade de aprendizagem podem sim aprender e se tornarem pessoas de sucesso desde que elas tenham a mediação necessária.

Para isso os educadores precisam ter conhecimentos do processo de alfabetização e também interesse em mediar o conhecimento das crianças, buscando adaptar seus métodos de ensino de acordo com seus alunos. Quanto mais o professor compreender sobre como a criança aprende a ler e escrever, melhor será sua mediação no sentido de favorecer a aprendizagem.

Na próxima seção do trabalho será realizado um referencial teórico, onde irei refletir sobre o processo de alfabetização, e abordarei sobre as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos durante esse processo, e quais estratégias os profissionais de educação usam para amenizá-las.

3 DIALOGANDO COM O REFERENCIAL TEÓRICO

Neste referencial teórico, farei uma breve reflexão sobre a alfabetização e seus desafios, bem como as dificuldades neste processo, sendo que este é o foco do trabalho.

Antes de falarmos sobre as dificuldades de aprendizagem na alfabetização, algumas considerações sobre a aprendizagem serão ressaltadas, a fim de expor o conceito de dificuldades de aprendizagem na visão de alguns autores. Em seguida discutiremos mais especificamente sobre as dificuldades na alfabetização.

A aprendizagem resulta de diferentes fatores, ocasionando uma mudança de comportamento. O aprender envolve fatores neurobiológicos, fatores ambientais, fatores sócios econômicos e, por fim, por fatores emocionais. Entendendo esses fatores é importante ter em mente que cada indivíduo tem um tempo e um ritmo próprio para aprender. Gómez e Terán (2009, p.31) defendem que “a aprendizagem supõe uma construção que ocorre por meio de um processo mental que implica na aquisição de um conhecimento novo”; porém o processo de aprendizagem vai muito além dos aspectos cognitivos, envolve também as relações e interações sociais, por meio das quais o aprender acontece e se constrói. Para Osti (2012, p. 33) a aprendizagem envolve:

[...] um processo constante de equilíbrio e desequilíbrio, uma reorganização interna do que é assimilado para posteriormente adquirir

novos conhecimentos, consiste, pois, na modificação dos esquemas cognitivos. OSTI, 2012, p. 33.

É muito importante compreender que a aprendizagem está ligada a um processo de construção de conhecimentos contínuo que requer a busca constante pelo aprender, interesse e curiosidade sempre aguçados, tanto através do encadeamento de novos pensamentos e experiências, quanto no novo significado para aquilo que já conhecemos e/ou compreendemos.

Mais uma vez embasamos na afirmação de Gómez e Terán (2009, p. 30) que ressaltam: “aprender é um processo complexo e multifacetado que apresenta inibições e bloqueios em todos os seres humanos”; dessa forma entendemos que nem sempre a aprendizagem ocorre de maneira tranquila e natural, mesmo que tenhamos facilidade para assimilar e compreender algumas coisas, pode haver outras nas quais teremos maior dificuldade para fazer a assimilação, entretanto essa dificuldade não deve significar a ausência de aprendizagem, e sim, a busca por novos caminhos para que ela aconteça e se consolide.

Após essas breves considerações sobre o processo de aprendizagem abordaremos de forma mais específica a alfabetização.

3.1 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O conceito de alfabetização vem sido discutido há décadas, pois é um assunto de grande importância na educação. Sua abordagem não pode se resumir na questão do método para ensinar a ler e escrever; trata-se de um processo complexo que se estende para o resto da vida.

Segundo Kramer (1986, p.17), a alfabetização "vai além do saber ler e escrever, inclui o objetivo de favorecer o desenvolvimento da compreensão e expressão da linguagem".

O ensino da leitura e da escrita não se limita ao processo de codificação e decodificação. Faz se necessário a exploração para compreender as relações e construir os significados do sistema de escrita. Também é preciso que o alfabetizando entenda a relação entre a fala e a escrita, que compreenda o que está lendo e consiga

transmitir com clareza suas ideias por escrito, de modo que outras pessoas possam compreender o texto.

Soares (2004) ressalta que a alfabetização era compreendida apenas como a aquisição do sistema convencional de escrita, este era o motivo da oscilação em busca do melhor método, tendo por objetivo a aprendizagem do sistema alfabético e ortográfico da escrita. É importante salientar que de acordo com a autora, até meados dos anos 80 a alfabetização escolar no Brasil dividia-se entre os métodos analíticos e sintéticos. Os métodos analíticos (palavração, sentencição, conto ou historieta) partem do todo (palavra, frases e textos) para as partes (letra, som, sílabas); enquanto os métodos sintéticos (alfabético, fônico e silábico) partem dos elementos constitutivos da palavra (letra, som, sílaba) para o todo (palavras, frases e textos).

Ferreiro (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo, cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária”.

A autora defende que as crianças são as mais fáceis de serem alfabetizadas e estão em processo contínuo de aprendizagem, enquanto que os adultos são mais difíceis de modificar seus conhecimentos, ressalta ainda que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (Ferreiro, 1999, p.23)

Emília Ferreiro se tornou uma espécie de referência para o ensino brasileiro e seu nome passou a ser ligado ao construtivismo. A autora trouxe um novo foco para os estudos a respeito da alfabetização, fazendo com que deixasse de ser um mero processo de aprendizagem através dos métodos de ensino e voltando para o processo de aprendizagem de cada criança. A partir de seus estudos nasce um novo olhar sobre o ensino e aprendizagem da leitura e escrita, trazendo uma significativa mudança para a área de educação.

O construtivismo “alterou fundamentalmente a concepção do processo de aprendizagem e apagou a distinção entre aprendizagem do sistema de escrita e

práticas efetivas de leitura e de escrita” SOARES (2004, p. 98). Isso possibilitou a explicação da maneira pela qual uma criança constrói leitura e a escrita, partindo da interação com práticas e materiais reais e significativos.

Nesta perspectiva, a maneira como a criança constrói seus conhecimentos conduziu os educadores a compreenderem a importância de um ensino sistemático da língua escrita.

Após essas breves considerações sobre alfabetização abordaremos sobre as dificuldades enfrentadas nesse processo.

3.2 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A expressão “dificuldades de aprendizagem” é usada para descrever uma série de incapacidades relacionadas com o insucesso escolar. Essas dificuldades podem se tratar de um distúrbio em um ou mais dos processos cognitivos básicos envolvidos no processo de aprendizagem e pode estar relacionado a vários fatores tais como: a metodologia e métodos pedagógicos usados, o ambiente físico e muitas vezes com o contexto de vida do aluno.

Nesse pressuposto encontramos a seguinte afirmação de Osti (2012):

As dificuldades de aprendizagem abrangem vários fatores, uma vez que envolvem a complexidade do ser humano. Acredita-se que podem ser decorrentes de um problema fisiológico, um estresse grande vivido pela criança, como, por exemplo, problemas familiares envolvendo a perda de algum parente, problemas com alcoolismo ou drogas, separação dos pais, doenças, falta de alimentação, falta de material e estímulos, tédio na sala de aula, baixa autoestima, problemas patológicos como TDH (transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade), dislexias, psicopatias, alterações no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios químicos, hereditariedade, problemas no ambiente doméstico e/ou escolar. OSTI (2012, p.47)

Dessa forma, podemos compreender a dificuldade de aprendizagem para além de fatores neurológicos, envolvendo também fatores psicológicos, biológicos e ambientais.

Para melhor compreendermos a aprendizagem e as dificuldades que envolvem este processo, faz-se necessário destacar a diferença existente entre distúrbio de aprendizagem e dificuldade de aprendizagem. Conforme diz Osti (2012) a diferença

entre estes dois termos é bem sutil, e pondera que o distúrbio se refere a um problema mais intensificado com um comprometimento neurológico e orgânico maior, ao passo que a dificuldade de aprendizagem pode derivar de problemas como falta de motivação e estimulação, inadaptação, sendo que estes problemas não se encontram somente no aluno e por isso mesmo a dificuldade pode ser trabalhada na sala de aula. A autora ainda acrescenta sobre como diagnosticar a dificuldade de aprendizagem:

[...] deve ser feito por uma equipe interdisciplinar envolvendo o médico da criança, um pedagogo, psicólogo, psicopedagogo, terapeuta, envolvendo também o professor e a família. Somente através de uma anamnese realizada com a família da criança, caracterizando a queixa apresentada pelo professor, fazendo um exame clínico que procure investigar possíveis disfunções neurológicas no sistema nervoso central, uma avaliação psicopedagógica que identifique o nível e as condições de aprendizagem dessa criança e de um exame psicológico objetivando analisar características pessoais, patologias, é que será possível ter a certeza e comprovar uma dificuldade de aprendizagem ou um distúrbio de aprendizagem. (OSTI, 2012, p.56)

A dificuldade de aprendizagem pode se manifestar durante o processo de alfabetização, caracterizando-se por apresentar uma dificuldade nos processos da leitura, e escrita. Ao longo de anos, muitos estudiosos tentaram explicar sobre essas dificuldades. Soares (1989) indica algumas justificativas, como: a “ideologia do dom”, que responsabiliza o aluno em sua dificuldade; a “ideologia da deficiência cultural”, que aponta a classe social do aluno o fator determinante se ele irá ou não ter um bom rendimento escolar – pois, de acordo com essa ideologia, quem está inserido nas classes dominantes seria mais inteligente do que os de classes desfavorecidas e dominadas; e a “ideologia das diferenças culturais”, que responsabiliza a escola pela dificuldade do aluno, quando “trata de forma discriminativa a diversidade cultural, transformando diferenças em deficiências” (SOARES, 1989)

A escola e os professores devem considerar os saberes individuais dos alunos e utilizá-los no momento de intervir e de criar práticas pedagógicas de desenvolvimento à aprendizagem. É preciso que os alunos se sintam seguros para expressar suas dificuldades, fato que os ajudará em seu processo de aprendizagem na leitura e na escrita.

Nenhuma prática pedagógica é neutra, todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem. São provavelmente essas práticas (mais do que os métodos em si) que têm efeitos mais duráveis a longo prazo, no domínio da língua escrita, como todos os outros, conforme se coloque a relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, e conforme se caracteriza a ambos, certas práticas aparecerão como “normais” ou como “aberrantes”. (FERREIRO, 2001, p. 31)

Como vimos as dificuldades de aprendizagem na alfabetização podem estar relacionadas a diversos fatores. Dessa forma, é preciso um olhar individualizado e um trabalho em equipe para identificar o que está causando essa dificuldade para que se encontre soluções para os problemas de ensino e aprendizagem da língua escrita, visando o fim do fracasso escolar no período de alfabetização.

3.3 A ATUAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

Falar sobre o papel do pedagogo no processo de ensino e aprendizagem requer fazermos uma reflexão, pois sabemos que seu papel é primordial para que o aluno aprenda.

Quando se trata do processo de alfabetização o professor se depara com algumas questões: qual é o melhor método? Como superar as dificuldades encontradas pelas crianças? Diante de tais questionamentos o professor alfabetizador deve ter um olhar sobre os efeitos de sua metodologia e também que esteja preparado e atento para perceber as dificuldades de aprendizagem e atuar de forma apropriada sobre elas, pois para a identificação de alguma possível dificuldade de aprendizagem, o papel do professor é fundamental. Para que o aluno consiga superar esse problema que pode estar sendo causado por inúmeros fatores como foi analisado acima, necessita que o professor faça uma investigação, para que seja possível ajudar o aluno a aprender. Cabe ao educador ajudar a diagnosticar o tipo de problema que o aluno está enfrentando nesse processo de alfabetização, o que muitas vezes não é tarefa simples, portanto quando um professor perceber que o aluno não está tendo um bom rendimento, ao invés de achar que o aluno é incapaz de aprender, é preciso procurar conhecer as causas dessa dificuldade.

Muitas vezes é preciso que esse professor adeque a metodologia e os recursos usados de forma que haja a comunicação com os alunos, é também, uma forma de fazer da aula um momento propício à aprendizagem. É importantíssimo que o professor tenha, também, competência humana, para que possa valorizar e estimular os alunos, a cada momento do processo ensino-aprendizagem. A motivação é imprescindível para o desenvolvimento do indivíduo, pois bons resultados de aprendizagem só serão possíveis à medida que o professor proporcionar um ambiente de trabalho que estimule o aluno a criar, comparar, discutir, rever, perguntar e ampliar idéias.

Veiga (2008) aponta três dimensões da relação pedagógica, são elas: a linguagem- que é a interação entre professor e aluno; a pessoal-que é o vínculo afetivo versus o vínculo formal que corresponde à relação pessoal; e por fim a cognitiva- que é o papel significativo do conhecimento para os alunos. Essas dimensões norteiam o processo de ensino aprendizagem fortalecendo e integrando o grupo. É de grande importância que o professor tenha um bom vínculo e considere a realidade de seus alunos, melhorando assim seu aprendizado. Nesse sentido, Libâneo ressalta que:

As relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula fazem parte das condições organizativas do trabalho docente, ao lado de outras que estudamos (LIBÂNEO, 1994, p.249).

Nesse processo, os alunos cometem “erros”, os quais não devem ser taxados como faltas, mas sim como experiências vividas, eles devem gerar reflexão e fazer com que a criança busque a resposta correta, mas sem se sentir pressionada. Portanto, o erro não é o contrário do acerto e sim, refere-se a uma fase no processo de aprendizagem da criança, pois revelam ao educador sobre como deve intervir nesse processo.

É importante ressaltar o erro como uma etapa no processo de aprendizagem, o professor deve ter muito cuidado com sua conduta em sala de aula, pois os alunos aprendem fazendo, errando, tentando de novo, até acertar.

De acordo com Moll (2009, p. 90), “o professor desempenha o papel de facilitador que, colocando à disposição o material de leitura e escrita, não intervém no ritmo de aprendizagem do aluno”. O processo de descobertas em que a criança se

encontra ao ingressar no ensino fundamental requer uma relação professor e aluno onde a aquisição e a construção do conhecimento tenham objetivo principal. Apesar de todos poderem colaborar na educação, o professor é o responsável maior por este processo, cabendo a ele selecionar conteúdos que despertem o interesse e o prazer do aluno por aprender.

O profissional da educação é constantemente desafiado a atuar criticamente na elaboração e execução de projetos que visem o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos de forma plena, escolher para indicação o material didático que é proposto ao aluno, e ainda decidir qual metodologia utilizar na busca da construção do conhecimento em sala de aula.

De acordo com as discussões feitas a respeito do papel do professor fica claro que o afeto é uma ferramenta essencial e indispensável no processo de ensino e aprendizagem, visto que esse aspecto faz parte da dimensão humana, e pode contribuir para que o aluno supere suas dificuldades. Assim o professor precisa ter conhecimento da importância de se dar valor a afetividade em sala de aula.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo conhecemos alguns fatores relevantes sobre o processo de aquisição da alfabetização. Buscamos fazer uma reflexão sobre os problemas de aprendizagem e acerca da prática pedagógica do professor alfabetizador, diante das dificuldades nesse processo. Levando em consideração os objetivos apresentados nesse estudo, procuramos salientar e refletir sobre quais são as principais dificuldades encontradas na alfabetização e como lidar diante delas.

Vimos que o papel do professor é de suma importância neste processo, sendo ele o mediador da criança. Pode ele construir uma relação de confiança com seu aluno. É nesse sentido que a prática pedagógica voltada à alfabetização deve se efetivar, oportunizando o alcance de níveis qualitativos de aprendizagem.

Diante do estudo compreendemos que é extremamente importante que o educador lance desafios adequados às crianças, respeitando suas capacidades, assim, elas poderão, gradativamente adquirir informações, compreender a importância da

leitura e da escrita em sua vida diária e, conseqüentemente, ampliará seu repertório linguístico através do desenvolvimento de suas capacidades de ler, escrever, analisar, sintetizar e interpretar.

Ao longo deste trabalho podemos reafirmar a importância da escola, o compromisso que a ela é atribuído: ensinar a ler, escrever e participar da formação de novos cidadãos, seres pensantes. O estudo expresso no processo de alfabetização demonstra algumas necessidades de inovações no sentido de preparação em níveis qualitativos do professor, visando a atender às necessidades da criança no contexto escolar. Entendemos que a alfabetização deve ser cultivada e não imposta, deve ser o resultado de um movimento interior da criança, não decorrente de determinações vindas de fora.

O ensino de qualidade utiliza de recursos diversificados e desenvolve no aluno o prazer em aprender. Analisando todos esses pontos, compreendemos que a criança adquire conhecimento no seu tempo.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta T. **Labirintos da memória: Quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.

CARRILHO, M.F. et al. **Diretrizes para a elaboração do memorial de formação. Metodologia do trabalho científico.** Natal: IFP/URRN, 1997. Mimeo

CRUZ, Maria Nazaré da; FONTANA, Roseli A. C. Psicologia e trabalho pedagógico. In: _____. **O papel da brincadeira no desenvolvimento infantil da criança.** São Paulo: Atual Editora, 1997.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. et al. Fundamentos da prática docente: elementos quase invisíveis. In: FARIAS, Isabel Maria Sabino. **Didática e docência: aprendendo a profissão.** Brasília: Líder livro, 2009. p.31- 52.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras.** São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

_____. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo, Cortez, 2001.

GAUTHIER, C. **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Unijuí, 1998.

GÓMEZ, A. M. S.; TERÁN, N. E. O que é aprender? In: _____. **Dificuldades de aprendizagem**: detecção e estratégias de ajuda: manual de orientação para pais e professores. Equipe Cultural. Edição MMIX, 2009.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização: “Dilemas da Prática”**. In: KRAMER, Sonia et al (org). Rio de Janeiro: Ltda., 1986.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível**: reinventando o ensinar e o aprender. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

OSTI, A. **Dificuldade de aprendizagem, afetividade e representações sociais**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2012.

SOARES, M. B. **Alfabetização e Letramento**: caminhos e descaminhos. Revista Pedagógica, Artmed Editora, 2004.

_____. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1989

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Organização didática da aula**: um projeto colaborativo de ação imediata. In: _____. (Org.). A aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas, SP: Papirus, 2008.